

A Família Dienstmann

Boletim Informativo de distribuição gratuita entre os descendentes dos Imigrantes
Johann Jacob Dienstmann e Maria Eva Mayer

Redação e expediente: Rua Cel. Travassos, 490 - Novo Hamburgo - RS - CEP 93415-000

Descendentes responsáveis: Adriano A. Dienstmann (0XX51 587.2626) e Roberto Dienstmann (0XX51 587.2887)

DESCENDENTE VISITA BACHARACH

A descendente Nair Irma (Dienstmann) Klein (68) e seu esposo (do segundo casamento) Hardy Lanzer (76), residentes em Novo Hamburgo, foram conhecer Bacharach, a cidade de origem do imigrante Dienstmann, e aproveitaram para viajar por toda a Alemanha. Embarcaram no dia 08/ago e, uma vez lá, hospedaram-se na casa dos amigos Renate e Norbert Rink, que moram numa pequena cidade chamada Frei-Laubsheim, distante 10 km de Bad-Kreusnach, no Estado de Rheinland-Pfalz.

O casal teve o privilégio de passar três vezes por Bacharach. O primeiro passeio foi de automóvel: passearam a pé pela cidade, tiraram muitas fotos e adquiriram um livro (ver foto) específico sobre a cidade e que dá muitos detalhes sobre a localidade de Medenscheid, interior de Bacharach, de onde partiu efetivamente o imigrante Johann Jacob Dienstmann, em 1827. A segunda passagem pela cidade deu-se quando fizeram um passeio de barco pelo rio Reno; a saída foi em Bingen e a chegada em Koblenz, numa distância de cerca de 70 km, percorridos em três horas. O barco atracou em Bacharach mas não foi possível descer à terra firme (ver foto). O retorno, no mesmo trajeto, foi feito de trem, em cerca de uma hora.

Alguns dias depois, a bordo de um automóvel Mercedes-Benz novo, recém adquirido pelo casal anfitrião, fizeram cerca de 5.000 km dentro da Alemanha. Ficaram encantados com o desenvolvimento do país, as auto-estradas sem limite de velocidade (andavam a 240 km/h nas *auto-bahn*), a conservação de

antigos castelos, a limpeza das ruas, a beleza dos jardins.

Também foram visitar amigos e parentes do Hardy, numa cidadezinha chamada Relsberg, em Wolstein, próximo a Kaiserslautern, também no Estado de Rheinland-Pfalz. Ali, foram alvo de uma recepção que os deixou completamente sem ação: no salão paroquial da comunidade ofereceram-lhes um coquetel com o ambiente todo decorado nas cores verde e amarela e várias pequenas bandeiras do Brasil (estavam presentes também o Pastor e o Prefeito); um coral local apresentou-se ao ar livre; o almoço deu-se na casa de Luise/Rudi Weber (parentes do Hardy) e o café da tarde na casa de Doris/Rudolf Hentzel (Rudolf tem por hobby pesquisar genealogia e dados históricos das famílias locais).

Alguns desses casais, como despedida, acompanharam depois Nair e Hardy no passeio de barco pelo Reno.

Nair, radiante, não se cansa de mostrar, com detalhadas explicações, a imensa quantidade de fotos que fizeram na viagem. Já Hardy, concentrado, com o mapa à sua frente, mostra as estradas por onde andaram e os inúmeros locais visitados. Contam que nunca imaginaram ser recebidos dessa forma num outro

país. Completam que ficaram tão emocionados que não encontraram palavras para agradecer por tudo que essas pessoas fizeram. Esses dias, afirmam, jamais vão se apagar de suas mentes.

Chegaram de volta ao Brasil em 06/set.



Bacharach vista do barco



Nair recebe o livro sobre Bacharach



Nair e Hardy no avião



Nair, a anfitriã Renate e Hardy. A bandeira no telhado homenageia os visitantes

II GRANDE ENCONTRO TEVE PRIMEIRA REUNIÃO

No dia 09/nov passado reuniram-se em Novo Hamburgo alguns descendentes (foto ao lado) com a finalidade de começar a organização do II Grande Encontro da Família Dienstmann, previsto para acontecer em 2002. A pauta girou em torno de prováveis datas e locais e alguns outros assuntos de caráter geral. Duas cidades foram consideradas candidatas a sediar o encontro: Dois Irmãos e Taquara. O próximo passo: conhecer as instalações e avaliar todos os aspectos que envolvem uma festa assim.

O ano de 2002 é triplamente significativo para a realização do evento: 1) cinco anos de circulação do Boletim Informativo; 2) cinco anos desde que se realizou o I Grande Encontro e 3) comemora-se o 175º. aniversário da chegada dos imigrantes ao Brasil.



PEGADAS DE AREIA

(autor desconhecido)

"... Esta noite eu tive um sonho. Sonhei que caminhava pela praia, acompanhado do Senhor, e que na tela da noite estavam sendo retratados todos os meus dias. Olhei para trás e vi que para cada dia que passava no filme da minha vida, surgiram pegadas na areia, uma minha e outra do Senhor. Assim continuamos andando até que todos os meus dias se acabaram. Então parei e olhei para trás. Reparei que... em certos lugares havia apenas uma pegada... e esses lugares coincidiam justamente com os dias mais difíceis de minha vida. Os dias de maior angústia, de maior medo, de maior dor. Perguntei então ao Senhor: "Senhor, Tu disseste que estarias comigo todos os dias de minha vida e eu aceitei viver contigo, mas porque Tu me deixaste nos piores dias de minha vida?" E o Senhor respondeu: "Meu filho, Eu te amo. Disse que estaria contigo por toda a tua caminhada e que não te deixaria um minuto sequer. E não te deixei. Os dias em que tu viste apenas uma pegada na areia, foram os dias em que te carreguei..."

FELIZ NATAL

por Yvonne Dienstmann, 84 anos, Novo Hamburgo

Felicidade é ter:

Esperança em dias melhores,
Liberdade consciente de pensar e agir,
Inteligência para determinar-se na vida,
Zelo por si próprio e pelos outros.

Ninguém pode viver sem:

Amizade sincera,
Ternura afetiva,
Amor incondicional e duradouro,
Lealdade nos relacionamentos.

BODAS DE PRATA

Comemorou Bodas de Prata, no dia 24/set/2001, o casal Sílvia Elisabeth Henkel Ferronato e Odair Firmino Ferronato. Sílvia é filha de Werna e Sílvio Julio Henkel e neta de Leopoldina Paulina (Dienstmann) e Júlio Fridolino Henkel.

PAZ

por Yvonne Dienstmann, 84 anos, Novo Hamburgo

A Paz ... quem a quer?

- Sou eu, és tu, somos nós.

A Paz ... quem a faz?

- Sou eu, és tu, somos nós.

A Paz ... quem nos traz?

- Sou eu, és tu, somos nós.

A Paz é responsabilidade de cada um de nós.

PARA REFLETIR . . .

"Nesta vida pode-se aprender três coisas com uma criança: estar sempre alegre, nunca ficar inativo e chorar com força por tudo o que se quer".

Paulo Leminsky, poeta brasileiro

GUSTAVO NO INTERCÂMBIO

O descendente Gustavo Dienstmann, 15 anos, residente em Roca Sales-RS, vai participar de um intercâmbio cultural, juntamente com duas meninas - de Gramado e Picada Café. Os três foram aprovados em rigoroso programa de seleção. O embarque se deu no dia 30/nov passado e o retorno está previsto para 15 de março de 2002.

Gustavo explica que a viagem "não tem fins turísticos, mas sim de contato cultural com a língua e a cultura alemãs". Ele ficará hospedado na casa de uma família alemã na cidade de Bremen.

Lamenta contudo que, pela rigidez do programa, talvez não poderá se deslocar até Bacharach, e assim conhecer o lugar de origem do imigrante Dienstmann.

Na vida, passamos por três idades: a juventude, a maturidade e a "mas você está ótimo!"

Cardeal Spellman

ANIVERSÁRIO DE DANIELA

A garota Daniela Dienstmann de Moraes completou seu primeiro ano de vida no dia 19/set/2001. Ela é filha de Simone Dienstmann da Silva e João Batista Marques Dornelles de Moraes.



A feliz família reside em Viamão-RS.

DOAÇÕES PARA O BOLETIM

Entre 04/set/01 e 26/nov/01 identificamos os seguintes doadores para custear o Boletim: Anselmo Hermann, Arno Arlindo Dienstmann, Cláudia Patrícia Dienstmann, Gerda Willrich, Haidee Dienstmann Müller, Liane Maria Dienstmann, Marlene e Lauro Fröhlich, Sílvia Elisabeth H Ferronato,

Agradecemos a esses colaboradores e a aqueles que não foi possível identificar.

Saldo em 03/set/01	R\$ 1.220,61
+ Doações no período	R\$ 95,00
- Despesas bancárias	R\$ 12,33
- Correio Boletim no. 17	R\$ 344,25
Saldo em 26/nov/01	R\$ 959,03

DESCENDENTES BONS DE BOLA

A equipe de juniores do Esporte Clube Pinheiros, de Taquari, conquistou o título de campeão do interior do Estado e ainda obteve a segunda colocação na Taça Dr. James Vidal, torneio de âmbito estadual.

A equipe alvi-verde é integrada por dois descendentes da família Dienstmann: o zagueiro Levino Floriano Horn Neto (sentado, com a camisa número 4) e o atacante Igor Horn Porto (terceiro, na fila de trás, com o abrigo número 10).



MALAS E BAGAGENS

por Milton Carlos Dienstmann, Porto Alegre

Nas minhas viagens à Alemanha sempre procurei nas listas telefônicas o nome Dienstmann, mas nunca encontrei.

Porém, em setembro de 1967, chegando na Estação Central de Trens de Frankfurt, deparei com um senhor que usava um boné com a inscrição "Dienstmann". Perguntei-lhe a razão daquela palavra e ele respondeu que ela identificava a função que exercia: carregador de malas e bagagens. Falei-lhe então que eu também era um Dienstmann. Olhou-me com um jeito desconfiado e deu uma boa risada. Como prova mostrei o meu passaporte.

Depois de alguns minutos de conversa levome para fora da estação para mostrar o seu caminhão de transporte de malas e bagagens que também tinha uma grande inscrição da palavra "Dienstmann" na carroceria.

A foto é uma prova de que ainda existem muitos "Dienstmann" na Alemanha.



"Não diga a Deus que você tem um grande problema; diga ao problema que você tem um grande Deus"

Na prestação de contas das Doações para o Boletim alguns nomes eventualmente não estão citados nominalmente porque não foi possível identificar todos os doadores

DE IGREJINHA-RS PARA CHICAGO-EUA

por Rodrigo Romeu Dienstmann

Parece um caminho meio improvável e difícil, mas comigo não foi tanto assim. Aqui quem escreve é Rodrigo Romeu Dienstmann, filho de Romeu Alceu Dienstmann e Rosemari Laci Dienstmann, natural de Igrejinha-RS, 27 anos, designer, recém-casado com a jornalista Petrucia Finkler Ferreira, 26 anos.

Casamos no dia 04 de setembro, uma terça-feira chuvosa, às 10h da manhã, em Igrejinha. Festejamos com familiares em um almoço na casa de meus pais e à noite brindamos com amigos em um bar em Porto Alegre, cidade onde morávamos. No dia seguinte, estávamos embarcando.

Tudo aconteceu muito rápido, desde quando nos conhecemos, em janeiro deste ano, até estarmos casados e morando em Chicago-EUA. Logo descobrimos um desejo mútuo de experimentar coisas novas e tentar a vida em outro lugar. Pensamos em São Paulo, Rio de Janeiro, mas as perspectivas nessas cidades não eram muito promissoras.

Foi então que nos surgiu a idéia de Chicago. Isso porque no final de 1998, enviado pela empresa onde trabalhava em Porto Alegre, vim fazer um estágio em uma empresa daqui, especializada em design e produção de displays expositores de produtos para lojas.

De volta ao Brasil, segui trabalhando e me aperfeiçoando nessa área, sempre mantendo contato com a empresa americana. Daí até me "oferecer" para um emprego foi fácil.

Certa noite, os dois meio embalados pelo vinho, perguntei à Petrucia se ela toparia morar comigo em Chicago, caso surgisse a oportunidade. Como ela respondeu positivamente, meio incrédula até o momento, no dia seguinte mandei, por e-mail, meu pedido de emprego. O mesmo foi prontamente respondido e, passados 5 meses desse dia, aqui estamos os dois, casados e felizes da vida.

Estamos ainda explorando a cidade, mas já nos sentimos em casa. É verdade que chegamos apenas 5 dias antes dos ataques terroristas, o que nos deixou bem assustados, mas isso não nos impediu de fazer planos para o futuro. A Petrucia prepara seu currículo para sair em busca de um emprego em sua área e eu trabalho na Cormark Merchandising, empresa que tem como clientes Nike, Wilson, Home Depot, entre outras marcas. Trabalhar aqui é muito legal, mas nada de extraordinário, como muitos podem pensar. Dispõe-se de maiores recursos, ferramentas tecnológicas mais modernas e um mercado consumidor que faz a economia girar a uma velocidade impressionante. Mas, no fundo, é o mesmo que trabalhar em qualquer lugar do mundo, com as mesmas dificuldades, as mesmas satisfações, os mesmos méritos, o mesmo ônus. Tudo isso sem falar que muitos de nós, designers brasileiros, temos um nível excelente em comparação à maioria dos profissionais daqui.

A diferença está na qualidade de vida que se pode desfrutar, pelo menos no que diz respeito à capacidade de consumo e oportunidades. Porém, isso muitas vezes pode funcionar como uma armadilha para nos tornar escravos do sistema capitalista da sociedade daqui, que condiciona o bem-estar e o conforto unicamente àquilo que se pode comprar para consegui-los.

Bem, era isso! Só queria falar um pouco sobre a minha experiência, e sobre como as oportunidades podem surgir na nossa vida; só precisamos estar atentos a elas e perceber o momento certo de aproveitá-las. Às vezes temos que abrir mão de coisas muito importantes, como o convívio com a família e amigos, mas devemos lembrar que a vida é feita de escolhas, e a felicidade não significa ter tudo que queremos e precisamos ao alcance das mãos.

Caso alguém que esteja lendo esta matéria tenha o desejo de morar nos EUA, passar um tempo aqui estudando ou trabalhando e não sabe por onde começar a pensar no assunto, ou até mesmo queira apenas saber um pouco sobre a rotina da cidade e do país, me escreva, terei o maior prazer em bater um papo e trocar algumas informações. Meu e-mail é: "rodrigoromeu@hotmail.com".

Ah, e vale dizer que nossa casa está aberta para os parentes e amigos que estiverem passando por aqui e quiserem nos fazer uma visita!

Um grande abraço e nos vemos por aí!



... E É NATAL!

Elisabeth H. Schrott, Estância Velha

Os Natais da minha infância
Eram momentos mágicos!
Eram tempos de encantos,
De fazer doces, de ensaiar
Versos e cantos.

O pinheiro dias antes enfeitado,
Misteriosamente,
Bem guardado, na sala ao lado
que, sem dúvida, era por nós,
Crianças, espiado.

Só na Noite Feliz
É que que se podia, finalmente,
Admirá-lo
Com suas velas acesas
Majestoso, imponente.
Ah! Dava um frenesi na gente.

EMBALAGEM DO BOLETIM

A partir desta edição o nosso Boletim Informativo chegará aos destinatários protegido por uma embalagem plástica transparente. Além de mais apresentável o nosso jornalzinho não sofrerá mais com a chuva e outros percalços no seu caminho até o destino final.

Uma simples idéia teve imediata receptividade na pessoa da descendente Loraine Teresinha Jaeger, proprietária da empresa Plásticos Javel Ltda. (Novo Hamburgo), que fez a doação de 10.000 desses saquinhos. Nossos agradecimentos pelo belo, e útil, gesto.

Falecimento:

Elia Sauer Dienstmann: no dia 21/ago/01, em Três Coroas, aos 83 anos. Casou com Reinaldo Dienstmann e tiveram três filhos: Jussara, Harlécio e Haidé.

Nascimentos:

Enrico Henkel Ferro: no dia 16/set/01, em Novo Hamburgo, filho de Juliana Werna Henkel Ferro e Deivis Ferro.

William Ren Dienstmann: no dia 16/out/01, em Porto Alegre, filho de Gisela Cristina Glinikovski Ren e Cristiano Guilherme Dienstmann.

DIE MELONE

Na colônia era comum o gesto, quando as crianças não queriam mamar, ameaçar de "dar" o seio para a pessoa mais próxima a fim de fazer a criança se resolver.

Pois um colono vinha de trem de Sander para Taquara. Ao seu lado uma vasta colona tenta dar de mamar à criança que não está a fim.

O colono assistia à cena um tanto constrangido.

Nisso diz a mulher: "Wenn du die Bruscht net willst, gewich'es dem Ongel ..." (se não quiseres o seio vou dá-lo a esse tio).

Responde o colono: "Ne, tange, ich hon grad in Sande Melone gess ..." (não, obrigado, acabei de comer melancia em Sander).

Fonte: Colônia Alemã - histórias e memórias, do Prof. Telmo Lauro Müller

ENTREVISTA

Com Elma Dienstmann Krummenauer, 87 anos, em Novo Hamburgo-RS

Vamos começar a entrevista pedindo seus dados pessoais?

Eu me chamo Elma Dienstmann Krummenauer. Nasci em Dois Irmãos, em 1º/nov/1913. Meus pais chamavam-se Sophia Madalena (Utz) e João Adolfo Dienstmann. Meus avós paternos eram Ana Catharina (Rothmann) e Johann Jacob Dienstmann e os avós maternos Elisabeth (Fick) e Mathias Utz. Tive oito irmãos (Ida, Alberto, Alfredo, Lydia, Frida, Elsa, Hilda e Otto), sendo que eu sou a mais nova.

Casei-me pela primeira vez com Alzemiro Carlos Kehl, com quem tive um filho, Nanito Carlos. Depois de doze anos de casada fiquei viúva e então casei-me com Felipe Krummenauer (que era viúvo há sete anos), com quem também tive um filho, Protásio. Também tenho uma enteada (filha de Felipe com a primeira esposa) que se chama Dulce Renilda, e que criei a partir dos 9 anos e com quem moro atualmente.

Tenho seis netos - Jorge Ismael, Jone Joel, Gilnei Giovani, Carlos Herberto, Izabel Cristina e Suelen - e nove bisnetos - Júnior, Tatiana, Bárbara, Natália, Poliana, Felipe, Gustavo, Pedro e Eduardo.

Até quando sua família morou em Dois Irmãos?

Saímos de Dois Irmãos quando eu tinha dois anos e fomos para Mata Olho, interior de Taquara-RS. A viagem foi feita em carreta de bois e levou dois dias; precisamos dormir na beira da estrada. Quando chegamos lá só tinha mato em volta da casa. Mata Olho hoje se chama Rodeio Bonito e lá casei-me, com 18 anos, pela primeira vez (com Alzemiro). Quando casei pela segunda vez (com Felipe) eu morava em Lajeado, também interior de Taquara. O meu filho Protásio nasceu em Tucanos (também distrito de Taquara). Ele tinha três meses de idade quando nos mudamos para um lugar chamado Recosta de São Francisco.

Qual era sua atividade e de seu marido?

Eu trabalhei na roça e depois numa fábrica de calçados. O Felipe tinha uma ferraria em Igrejinha, que vendeu quando entrou de sócio numa fábrica de calçados (marca Zeket - cada letra é a inicial do nome de um sócio e a letra "k" vem de Krummenauer), isso já em Igrejinha. Quando morávamos na Recosta nos estabelecemos com armazém, antigamente conhecido como "venda". Uma das atividades era adquirir a flor de piretro dos colonos e revendê-la em Taquara. Essa flor era importante matéria-prima para fabricar inseticidas e uma boa fonte de renda para os colonos que a cultivavam.

Na época em que foi construída a estrada que liga Taquara a São Francisco de Paula, por volta de 1948, além do armazém o Felipe voltou a estabelecer-se com ferraria e passou a trabalhar para a "Turma" como era conhecido o pessoal do Departamento de Estradas de Rodagem responsável pela abertura daquela estrada. O ferreiro era necessário ali porque alguém precisava consertar as ferragens das carretas, ferrar os cavalos e preparar as ponteiras

com que eram feitos os furos nas rochas para colocar a dinamite. Depois de cinco anos voltamos para Igrejinha.

Voltando um pouco no tempo, como foi sua infância?

Foi uma infância difícil. Éramos muito pobres. Não tinha colégio perto de casa e na escola onde fomos quase nunca tinha aula porque o professor era bêbado. Com isso, nos criamos praticamente na roça.

Meu pai quebrou a perna e ficou tempo acamado. Quando caminhava, só o fazia de muletas. Lembro bem dele num episódio em que saiu da cama e o seu lenço caiu no chão; eu juntei o seu lenço e o devolvi; ele agradeceu, chorou e passou a mão na minha cabeça. Eu tinha cinco anos quando ele faleceu.

Como meu pai tinha dívidas quando morreu, minha mãe nos dizia que era ponto de honra quitar esse débito e, quando foi pagar a última parcela para o credor, este disse que não tinha pressa e, com pena de nós, dispensou a cobrança dos juros. Para enfrentar essa época de dificuldades todos nós precisávamos trabalhar duro na roça, inclusive as crianças pequenas como eu. Éramos muito pobres mas nunca faltou comida e pudemos crescer fortes.

E como vocês, na juventude, se divertiam?

A nossa vida tinha tristezas mas também tinha alegrias.

Lembro muito bem da época dos Kerb: recebíamos muitas visitas, minha mãe fazia cucas e os bailes começavam ao entardecer, quando ainda tinha sol, e só terminavam no outro dia, com o sol já alto. Eu gostava muito disso tudo.

Como e quando a família chegou a Novo Hamburgo?

Aposentei-me com 60 anos como trabalhadora de fábrica de calçados. Meu segundo marido faleceu em 1985 e logo depois fui convidada pela minha enteada Dulce a morar com ela aqui em Novo Hamburgo. Hoje em dia estou muito contente e faceira. Ingressei num grupo de terceira idade chamado Arco-íris e lá tenho muitas atividades: passeamos, fazemos viagens e até passei a fazer trabalhos em crochê.

Agora, já com o filho Protásio ao seu lado, vocês gostariam de deixar uma mensagem final para os familiares Dienstmann?

Elma: (mensagem em dialeto Hunsrück).

Protásio (idem e traduzindo as mensagens): Queremos dizer que é uma grande alegria pertencer à Família Dienstmann e também ficamos muito contentes em participar da entrevista ao Boletim e esperamos que o que foi dito aqui seja de alguma forma proveitoso para todos os descendentes Dienstmann interessados na preservação da sua origem.



Contatos com Dona Elma: fone (51) 593.1984

A entrevista foi gravada em vídeo no dia 06 de agosto de 2001